

A man in a denim jacket stands in a vast field of tall, golden-brown grass, looking out towards a hazy horizon under a cloudy sky. The overall color palette is muted, with a strong blue tint.

A SAGA DE DOIS IRMÃOS

EDITORA
EIME

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 400 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000/3491-5449

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

WANDA A. CANUTTI
PELO ESPÍRITO EÇA DE QUEIRÓS

A
SAGA DE
DOIS
IRMÃOS

Capivari-SP
- 2014 -

© 2013 Wanda A. Canutti

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - março/2014 - 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | Victor Augusto Benatti

REVISÃO | Léa Canutti Fazan

Ficha catalográfica elaborada na editora

Queirós, Eça de (Espírito)

A saga de dois irmãos / pelo espírito Eça de Queirós;
[psicografado por] Wanda A. Canutti - 1ª ed. março/2014 -
Capivari, SP : Editora EME.

280 p.

ISBN 978-85-66805-25-4

1. Romance mediúnico. 2. Reencarnação. 3. Reencontro de desafetos. 4. Lei de ação e reação. I. TÍTULO.

CDD 133.9

SUMÁRIO

Palavras do autor	7
01 - Decisão em família.....	9
02 - O inesperado.....	23
03 - Dois espíritos	39
04 - Miguel.....	57
05 - Pedro	79
06 - A volta.....	93
07 - Em ação.....	111
08 - Intensificando o trabalho	127
09 - Pedidos de ajuda	145
10 - Missão bem-sucedida	161
11 - E o tempo passa.....	173
12 - O amor	193
13 - O pedido.....	203
14 - Missão dos pais	219
15 - A nova oportunidade	235
16 - Retorno ao passado.....	251
17 - Viver para aprender.....	263

PALAVRAS DO AUTOR

O DIA A DIA de cada um encarnado na Terra, em trajetória evolutiva, é cheio de surpresas.

Um as alegres e promissoras que podem promover a transformação de muitos pontos de nossa vida, tornando-a mais fácil, mais agradável. Seja através do reencontro de algum afeto com o qual temos laços profundos de existências anteriores, seja nas oportunidades que o campo profissional oferece, ou em pequenos acontecimentos, mas que para nós significam muito.

Entretanto, as surpresas desagradáveis e que nos abalam, modificando a nossa caminhada tranquila, também acontecem, como a perda de um ente muito querido, uma derrocada financeira e outras contingências a que estão sujeitos todos os que aqui se encontram em oportunidade terrena.

Se formos analisar e refletir sobre a nossa vida, compreenderemos que tudo nela é passageiro como nós mesmos o somos, que a renovação é uma constante. Os momentos felizes se transformam, os infelizes se acabam.

O importante, diante de tudo isso, é o que conquistamos para o nosso espírito, seja em que situação for.

Que da alegria tiremos lições preciosas, sabendo

vivê-la sem nos arrojarmos no abismo das paixões que nos oferece, assim como na tristeza, não nos deixando cair em desequilíbrio, tornando-a mais acerba e afetando as nossas atitudes.

Nós temos sempre que prosseguir, seja em que situação for. Por isso, saibamos viver cada momento, retirando dele o melhor para o nosso espírito, pelas atitudes que tomarmos face aos acontecimentos que nos surpreendem, por que eles passam e ficam apenas as lições que soubermos retirar de cada um deles.

O nosso dia a dia é importante porque é ele que compõe a nossa vida. É ele que enriquece o nosso Espírito pelas experiências que temos que enfrentar, para que façamos de cada um deles um degrau para o nosso progresso espiritual, caminhando sempre nessa escala evolutiva que deve ser a nossa vida, numa espiral ascendente, nunca parando sem nada fazer, deixando as oportunidades passarem sem aproveitá-las, porque, se as desprezarmos, elas não voltam mais.

O tempo de uma oportunidade terrena é precioso e precisa ser valorizado para, ao retornarmos ao Mundo Espiritual, não levarmos o arrependimento das horas perdidas ou mal empregadas, porque é através de cada uma delas, de cada minuto que crescemos espiritualmente para a eternidade.

Eça de Queirós

Araraquara, 18 de julho de 2002

01 – DECISÃO EM FAMÍLIA

OS DOZE IRMÃOS ESTAVAM todos ao redor da mesa aguardando a refeição ser servida.

Nenhuma palavra era pronunciada. Aquele dia havia sido de muita tristeza na família. O velho pai, senhor bondoso e complacente com os filhos, mas enérgico quando a situação requeria, havia sido enterrado pela manhã.

Ele andava adoentado, sentia-se mal, às vezes, mas nada que lhes causasse maiores preocupações, porque sempre fora saudável, apesar da idade. Tomava os medicamentos prescritos pelo médico por insistência dos filhos, sem acreditar que pequenas poções pudessem devolver-lhe a saúde.

Durante a sua vida, cada filho que nascia no seu lar, mais feliz se sentia, pois imaginava que, através deles, sobretudo quando nascia um homem, mostrava a sua masculinidade que os antigos faziam questão de ser portadores.

Tinha ao todo doze filhos, oito homens e quatro mulheres. Sua esposa, mais frágil, depois de tantos filhos, perdera a saúde e já os havia deixado há alguns poucos anos, para tristeza de todos.

O mais velho, um homem já com mais de trinta anos, ainda não se casara, como nenhum deles ainda havia formado o próprio lar.

Por isso estavam os doze, naquele momento, tristes, consternados, sentados à mesa, enquanto a velha cozinheira terminava de preparar a refeição.

A mais nova de todos, Cecília, era uma juvenzinha recém-saída da infância entrando na adolescência, e tinha o carinho de todos, criada como a irmãzinha querida.

Ela era a que mais estava sentindo a falta do pai, porque sabia, não o teria mais, da mesma forma como se vira privada da mãe, há alguns poucos anos, razão do carinho que todos tinham para com ela.

Quando a refeição foi servida, pouco se alimentaram e após, foram para a sala onde sempre se reuniam com o pai.

À mesa, o seu lugar ficara vazio. Na sala, da mesma forma. Todos se acomodaram, mas nenhum deles teve coragem de ocupar a cadeira em que o pai se sentara por tantos anos.

De início, nenhuma palavra, mas era preciso conversar. Tinham decisões a tomar e precisavam começar a tomá-las a fim de que os negócios, geridos até então pelo pai, mesmo à distância quando deixou de sair, não sofresse nenhuma solução de continuidade.

Possuíam uma grande propriedade rural e o trabalho era grande. Por isso o pai conseguiu manter os filhos unidos com tarefas divididas, a fim de que nada percesse, ao contrário, progredisse cada vez mais.

Quando o velho pai comprou aquelas terras, uma pequena extensão onde começou a sua plantação e foi construindo sua casa, tudo era modesto.

Porém, com o passar dos anos e a prosperidade que chegava, ele foi adquirindo mais terras, ampliando os seus domínios. Construiu uma nova casa que precisou ser remodelada por duas vezes, acrescentando mais quartos pelos filhos que chegavam e, ao fim de sua vida, era dono de um grande patrimônio que estaria, agora, ao encargo total dos filhos.

Os oito homens, sob o comando do pai, sempre combinaram, porque o respeitavam acima de tudo.

Agora, porém, que se encontravam sós, que medida deveriam tomar? Como gerir tudo o que possuíam, mantendo o bom entendimento que sempre houve entre eles?

Até então apenas obedeciam e, quando tinham suas próprias ideias, levavam-nas ao pai; ele decidia sobre a sua aceitação ou não, e sobre a sua aplicação, e ninguém discutia.

E agora, sem a voz firme mas compreensiva de comando, a mesma camaradagem entre eles continuaria a existir?

Depois de algum tempo em silêncio, um deles falou, indagando:

- Sem papai, como faremos? Seria necessário que um de nós tomasse a frente de tudo, como papai fazia, para que a prosperidade continuasse.

A resposta demorou um pouco para vir, mas, enfim, o mais velho manifestou-se:

- Se, dentre nós, é preciso que haja um para o comando, nada mais justo que fique comigo, como o mais velho que sou.

Dois concordaram imediatamente e alguns dos mais novos manifestaram-se, justificando:

- Não considero que a idade seja ponto relevante para colocar algum de nós na chefia de todas as atividades desenvolvidas, aqui. É necessário, em primeiro lugar, que se avalie o tino administrativo, a visão mais apurada das prioridades, e isso não depende da idade.

Imediatamente os outros concordaram com ele, por achar que a situação do mais velho era muito cômoda. Os outros não tinham culpa de não terem nascido primeiro, e deram razão às palavras do irmão.

Ouvindo essas considerações, o mais velho tornou com a palavra, dizendo:

- Concordo com vocês até certo ponto. Entretanto, como reúno em mim as qualidades de bom administrador por tudo o que fiz enquanto papai estava conosco, sempre orientado por ele, e como sou o mais velho, eu darei as diretrizes do que fazer e de como fazer, de agora em diante. Espero receber a colaboração de todos como papai sempre teve a nossa, para que nada pereça e a amizade que sempre existiu entre nós não fique prejudicada. Ao contrário, agora é o momento de nos unirmos ainda mais para que papai, onde estiver, fique feliz conosco.

A mais velha das mulheres, uma jovem de vinte e cinco anos, a que já havia tomado a si o encargo das

ordens da casa, desde que a mãe partira, expressando o seu próprio exemplo, concordou com o irmão, assim se expressando:

- Miguel tem razão! Ele terá o nosso respeito, da mesma forma que eu o tenho desde que mamãe nos deixou, o que não libera os outros de também auxiliar, como nossas irmãs o fazem, incluindo até Cecília que já vai aprendendo as suas responsabilidades.

- Clarice o apoia porque tem o seu próprio exemplo!
- voltou a falar o que contestara.

- Não pensem vocês que a situação de Miguel, daqui para a frente, será confortável! O trabalho é grande mas a responsabilidade é maior e todos devem ajudar. Todavia é necessário que alguém tenha a liderança para que a confusão não se instale e desvie o bom andamento das atividades. A responsabilidade é de todos. Ele, como mais velho, sempre esteve mais próximo de papai e, por isso, acumulou mais experiências. Compreendam, não discutam mais e fiquem felizes que o nosso patrimônio será bem cuidado.

Um dos que se mantiveram em silêncio até então, manifestou-se, dizendo:

- Clarice tem razão! A responsabilidade maior cabe ao mais velho mas nós estaremos atentos. Sugiro que nos reunamos periodicamente e todas as questões, as decisões e os problemas sejam expostos e decididos com o aval de todos. Só assim o trabalho será bem realizado.

- Essa era a minha intenção porque nunca tive ímpetos de dominador. A união que sempre houve entre

nós, continuará, mas um líder é necessário, vocês sabem disso.

- Está bem! Devemos concordar. Entretanto, no decorso do trabalho, se não concordarmos com a sua forma de proceder, temos o direito de falar, de discordar e de dar sugestões.

- Que serão sempre acatadas se forem benéficas, pois demonstrará que todos estarão atentos. Entretanto, a maior parte dos assuntos serão decididos em reunião.

Ninguém teve mais nada para dizer, até porque os mais jovens que haviam se manifestado compreenderam que ainda não deveriam tomar para si tantas responsabilidades que os impediriam de divertir-se, pois tinham direito de fazê-lo.

Aquela primeira reunião informal e ocasional foi concluída. Alguns se afastaram da sala, outros permaneceram, mas aquele assunto ficou encerrado.

Miguel, depois que alguns se retiraram, olhando para Cecília e vendo-a tão tristonha, chamou-a para perto de si.

- Querida irmãzinha, você, talvez, é a que mais sofre entre nós todos. Já ficou sem mamãe tão cedo e agora, perdemos papai. Você sabe que a amamos muito e tudo faremos para que seja feliz.

Ela nada respondeu e, com os olhos cheios de lágrimas, encostou a cabeça no ombro do irmão, que começou a acariciar os seus cabelos, dizendo:

- Nós, como mais velhos, sobretudo eu, tive a companhia de mamãe por mais tempo que você, assim como

a de papai que nos transmitiu a sua experiência, o seu exemplo, e nós vamos prosseguir. Se você não conta mais com eles, contará conosco que lhe daremos todo o nosso amor – o amor de irmão e a nossa proteção. Você estará sempre protegida por nós. Clarice cuidará de você, como as outras também, mas estaremos sempre juntos como estivemos até aqui.

Quanto mais ele falava, mais as lágrimas irrompiam de seus olhos, tomada pela tristeza da perda do pai e pela emoção das palavras do irmão.

Logo após Clarice, que havia se retirado, retornou à sala e chamou-a.

Miguel deu um beijo em seus cabelos e ela se foi sem nada dizer.

Tudo na casa, a partir de então, seria diferente, mas todos deveriam adaptar-se.

O problema maior seria se entre os irmãos houvesse alguma discórdia. Quando às ordens eram dadas pelo pai, ninguém discutia, ninguém discordava, só obedecia. Mas agora que ele não estava, e todos se achavam com o mesmo direito, o que poderia acontecer? A mesma camaradagem de sempre, continuaria?

Só o tempo, o trabalho e a boa vontade de cada um é que dariam essa resposta.

OS PRIMEIROS DIAS, SEMPRE os mais difíceis, foram passando.

Os filhos que colaboravam no bom andamento dos negócios retomaram logo o trabalho, e a rotina foi voltando. Bastante diferente da anterior à partida do pai, mas tudo se acomoda porque a vida precisa continuar. É necessário prosseguir com as tarefas e os corações vão se apaziguando.

O pai era sempre citado, o seu exemplo seguido, mas, mesmo assim, as pessoas são diferentes umas das outras. Os mais jovens imaginam que suas ideias são mais promissoras e, colocadas em prática, haverá mais produtividade, mais facilidade de trabalho, e aí começam as contendas.

Uma ideia transmitida por outrem, ao ser colocada em prática, sofre alguma modificação, pela acomodação das próprias tendências do que a recebeu e precisa obedecer. Ao final, ela surge tão transformada que a ideia original se perdeu.

Enquanto o pai era vivo isso nunca havia acontecido, mas agora, desejando demonstrar as próprias habilidades, um deles, Pedro, estava causando problemas a Miguel.

O pior era que ele, para ir de encontro às ordens do irmão, influenciava, com seus argumentos, alguns dos outros, e a discórdia estava começando a instalar-se entre eles. E não se limitava apenas ao local de trabalho, porque, após ele, sobretudo no horário das refeições, o descontentamento era demonstrado e algumas alterações estavam sendo geradas.

Clarice andava aborrecida com isso, porque antes,

submissos ao pai, a reunião familiar era agradável. Ninguém discutia e as conversas giravam em torno do trabalho, porque o pai perguntava sobre essa ou aquela tarefa. Eles explicavam, às vezes riam com algum fato bizarro dentro do desempenho das atividades, e a boa camaradagem reinava entre eles.

A diligente irmã não via bons prognósticos para o que vinha acontecendo, e relembrava, constantemente, a reunião informal que fizeram logo depois que enteraram o pai, mas cada um queria explicar a sua razão e ninguém se entendia mais.

Aborrecida com aquela situação e, como mais velha das mulheres, um dia, depois de uma altercação mais intensa, ela, pedindo silêncio que a custo ouviram, falou-lhes:

- Vocês esqueceram-se de papai que deve estar muito envergonhado da atitude que vêm tomando, principalmente num horário em que a harmonia e as conversas agradáveis e amigáveis devem predominar, ainda mais que se trata de irmãos. A partir de hoje - disse com energia - não admitirei mais nenhuma discussão sobre trabalho enquanto nos alimentamos. Vocês são uns egoístas, só pensam em si próprios, esquecem-se de nós que sofremos muito por isso e de Cecília, a nossa caçulinha, que anda assustada e pouco vem se alimentando. Se a decisão de fazerem reuniões periódicas não está dando certo, que as façam com mais frequência e discutam os assuntos que têm em pendência, mas não mais neste horário. Nós não somos obrigadas a presenciar uma

situação tão lamentável, sem falarmos que, se a harmonia entre nós se perder, a nossa propriedade perecerá, e acabaremos perdendo o que temos e que foi construído por papai com muito sacrifício e trabalho.

Pedro, o que se mostrava mais rebelde, imediatamente completou as palavras da irmã, dizendo:

- Com a nossa ajuda, porque sempre trabalhamos também.

- Sei que todos trabalharam e todos têm o seu valor porque ajudaram papai a construir o seu patrimônio, o mesmo que agora, sem ele, vocês estão desejando destruir.

- Clarice tem razão! - manifestou-se Miguel. - Façamos o possível para nos entendermos sem trazeremos situações desagradáveis para dentro de casa.

- Desde que cumpram as suas ordens e façam a sua vontade - disse Pedro. - É muito fácil haver harmonia se todos obedecem e abaixam a cabeça às suas determinações. Mas, e a nossa vontade, não conta? Só a sua deve ser obedecida?

Miguel achou por bem não responder para não prolongar aquela questão, mas Pedro voltou a falar:

- Quando se refere a si mesmo, ao que faz, ele se cala! Você também precisa modificar-se e saber acatar a opinião dos outros. Por que só as suas são as corretas e as dos outros, mesmo prognosticando bons resultados precisam ser abandonadas?

Miguel, que não tinha nenhuma disposição de prolongar aquela discussão, levantou-se sem nada respon-

der e saiu para o campo, sem mesmo o descanso habitual e necessário de todos os dias depois do almoço.

Os outros, um a um foram também se retirando, uns apoiando Miguel, outros apoiando Pedro, e o silêncio se fez na casa. O último a sair foi Pedro. Clarice reuniu as irmãs e foram para a sala, para esquecer, com novos assuntos, aquele episódio tão desagradável.

Por mais alguns poucos dias a paz reinou entre os irmãos, e nada, nenhum problema foi levado para o lar, sobretudo no horário das refeições.

Clarice e as irmãs estavam tranquilas nesse particular, conquanto ainda sentindo muito a falta do pai.

Pedro não provocava Miguel e este continuava a fazer o trabalho, mais de coordenação e gerência, deixando as outras atividades para os irmãos. Até os mais novos participavam com a sua parcela dentro das suas possibilidades.

Eles pouco haviam estudado.

Miguel, logo que cresceu, interessou-se pelo trabalho, pela vida livre que o campo lhe oferecia e, cumprindo sua obrigação com os estudos, dentro do mínimo necessário para não andar como cego às letras, não quis continuar mais. O mesmo aconteceu com os irmãos.

Bem que o pai lhes ofereceu condições de deixarem a propriedade e partirem para uma cidade grande a fim de aprimorarem a sua educação e adquirirem instrução, mas nenhum, à medida que foi chegando a sua vez, aceitava. Talvez o exemplo de Miguel os estimulasse a permanecer com o pai.

Não podemos dizer que o pai não ficasse feliz com essa decisão dos filhos, porque, se deixassem a propriedade, estariam integrados na profissão para a qual se preparariam e nunca mais voltariam. Cada vez ele ficaria mais só.

No entanto, como eles mesmos decidiram, a família continuava unida e o trabalho se desenvolvendo de forma próspera. E, com isso, iam ampliando o patrimônio e enriquecendo.

Podemos dizer até que já eram ricos. Os produtos retirados da propriedade eram comercializados em grande escala e sempre encontravam, no mercado, bom preço e grande procura, por isso empenhavam-se em progredir cada vez mais, aumentando os seus domínios, diversificando as plantações e lidando com o gado.

O trabalho sempre aumentava, e a necessidade de se contratar mais empregados era uma constante.

A propriedade possuía muitos trabalhadores contratados, todos morando lá mesmo, numa colônia afastada da casa dos proprietários para que não interferissem na vida deles, nem ficassem rodeando a casa. Era um corredor de casas, todas iguais, todas com o conforto necessário que eles mereciam; nada pagavam por ela, porque fazia parte do contrato, e ainda recebiam grande parte dos alimentos que consumiam, retirados da própria propriedade, como parte do pagamento a que tinham direito pelo trabalho que realizavam.

Entre os trabalhadores, nem sempre a harmonia reinava, e algumas brigas, às vezes, havia. Se não entre os

homens, havia-as entre as mulheres, por motivos banais, mas frequentemente por causa das crianças que ali eram muitas. Elas brigavam por bobagens, defendendo seus filhos, os pais também se desentendiam, mas logo tudo voltava como antes, porque as crianças não conseguem ficar apartadas dos amiguinhos por muito tempo, e os pais, vendo os filhos bem, também esqueciam ressentimentos, até que nova situação acontecesse.